

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

26 de Setembro de 2022

JOÃO BOTELHO – FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É O MODO DE AS FILMAR

A ARTE DA LUZ TEM 20.000 ANOS / 2014

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Montagem:* João Braz / *Som:* Francisco Veloso (gravação), Elsa Ferreira (misturas) / *Com as presenças de:* António Martinho Baptista, Joana Botelho, Cláudio da Silva, Ricardo Aibéo,

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes, em colaboração com o Museu do Coa / *Cópia:* digital (suporte original) / *Duração:* 57 minutos / *Estreia mundial:* Vila Nova da Foz Coa (Festival Cinecoa), 14 de Setembro de 2014 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

QUATRO / 2014

Argumento: João Botelho, Maria João Archer / *Direção de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Montagem:* Maria Joana Figueiredo / *Som:* Francisco Veloso / *Caracterização:* Sano de Perpessac / *Interpretação:* Diogo Dória, Miguel Guilherme, Maria Dias e as presenças de João Queiroz, Jorge Queiroz, Pedro Tropa e Francisco Tropa

Produção: Filmes do Tejo II / *Cópia:* digital (suporte original) / *Duração:* 105 minutos / *Estreia mundial:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 4 de Julho de 2014.

duração total da sessão: 162 minutos

Filmes de João Botelho

2014 foi um ano fecundo no percurso de João Botelho, marcado pela realização de nada menos de quatro filmes, totalmente diferentes entre si e ao mesmo tempo característicos do seu trabalho: uma longa-metragem de ficção, **Os Maias** e três documentários: **La Valse** e os dois filmes que compõem este programa. **A Arte da Luz tem 20.000 Anos** nasceu do entusiasmo de Botelho ao visitar o magnífico museu e o parque arqueológico de Vila Nova da Foz Côa em 2011. O projeto de um filme, em parceria com o museu, então gravemente debilitado do ponto de vista orçamental, concretizou-se e o filme tem um complemento temático perfeito em **Bagarre au Barrage** (2013) de Jean-Luc Bouvret, que recapitula todas as etapas para salvar *in extremis* aquele tesouro, ameaçado pela construção de uma barragem, já quase concluída, ao passo que **A Arte da Luz tem 20.000 Anos** é um percurso explicativo sobre as gravuras. Quando se pensa que à época alguns responsáveis da EDP negaram que aquelas fossem gravuras pré-históricas, enquanto o então Secretário da Cultura (a cultura fora rebaixada de um ministério a uma secretaria) disse em alto e bom som que aquilo eram “*rabiscos semelhantes aos que faz uma criança de dois anos*”...

Um arqueólogo britânico que teve o seu papel no salvamento das gravuras, ao conseguir que o *Guardian* noticiasse a batalha em curso, o que levou o debate à esfera internacional, explicou que, pela sua abundância, as gravuras do Côa pura e simplesmente mudaram o paradigma dos arqueólogos: chegou-se à conclusão que a maioria das gravuras rupestres eram feitas ao ar livre, como aquelas ancestrais milenares das grafites das margens do Côa e que grutas como Lascaux e Altamira eram o equivalente de catedrais. O filme de João Botelho não aborda estas questões genéricas: mergulha e mergulha-nos numa visita guiada. O Museu do Côa não é apenas uma magnífica peça de arquitetura, perfeitamente integrada à paisagem, tem uma função indispensável para que um leigo possa perceber o sentido das gravuras, posto que estas, desprovidas de cor e por isto pouco impressionantes para um visitante, nem sempre são facilmente inteligíveis para este. A melhor maneira de descobri-las é começar pelo museu, onde há ampliações e claras explicações, para depois vê-las de perto. É este o itinerário que seguimos em **A Arte da Luz tem 20.000 Anos**, num dispositivo formal didático, guiados pelo arqueólogo e então diretor do Museu do Côa, António Martinho Baptista, tendo como *alter ego* do espectador uma jovem visitante.

Embora *arte rupestre* seja a expressão consagrada, a noção de *arte* tal como a entendemos desde alguns séculos – uma interpretação do mundo, dos seus mitos, das suas realidades, certamente não desprovida de uma função decorativa – talvez seja discutível a propósito daquelas gravuras, que são uma representação da realidade mais do que uma interpretação (fazem-nos pensar numa das primeiras frases de *Cem Anos de Solidão*: “o mundo era tão recente que muitas coisas não tinham nome e para designá-las era necessário apontar para elas”). Porém, independentemente das noções sobre o que é *arte*, é evidente que a presença da perspectiva e do movimento naquelas incisões na pedra feitas há vinte mil anos abre um horizonte vertiginoso para o visitante do parque e para o espectador do filme. No desenlace, vemos um céu coalhado de estrelas, ponto de vista da jovem visitante, tão próximo quanto possível do de um/a habitante das margens do Côa há vinte mil anos.

Totalmente desprovido de qualquer vontade de didatismo direto, contrariamente ao filme que o precede nesta sessão, **Quatro** é ao mesmo tempo muito estruturado e muito denso. É inteligível mesmo para o espectador não familiarizado com o trabalho dos artistas abordados, embora nada tenha de didático. Dividido em quatro partes estanques, cada qual consagrada a um artista, o filme só adquire sentido na sua totalidade, precisamente por ser muito estruturado. Ao longo de cento e cinco minutos de cinema, percorremos o trabalho de quatro artistas (que também formam dois pares de irmãos, embora isto não seja mencionado no filme, por não ter incidência sobre o trabalho deles: Botelho recusa o anedótico) e ao longo dos quatro capítulos além de vermos aquilo que eles fazem e, até certo ponto, como o fazem, podemos vislumbrar aspectos mais genéricos do trabalho artístico, mostrados sempre de modo oblíquo, indireto, porém claríssimo. O primeiro capítulo do filme mostra-nos um artista de perto, fazendo-nos vislumbrar aquilo que, à falta de uma expressão menos pomposa, podemos denominar como o processo criativo: são enunciados breves textos teóricos, vemos um número relativamente escasso de obras e no desenlace vemos João Queiroz a pintar (note-se que são dele as telas pintadas que constituem uma parte importante dos cenários de **Os Maias**). No segundo capítulo, dialogam a contemplação e uma possível reflexão, a interrogação e a afirmação; assistimos à montagem de uma exposição, aquele momento em que um certo número de quadros, executados ao longo de um longo período de tempo, são reunidos em algumas horas meticulosas (nesta exposição o resultado é sintetizado numa das mais célebres e poéticas palavras de ordem do Maio de 68 parisiense: *sous les pavés la plage, debaixo das pedras da calçada, a areia da praia*, na possível e pouco sintética tradução em português); no desenlace, num magnífico plano-sequência, Jorge Queiroz percorre o espaço expositivo, repassando em breves momentos o resultado de muitas horas de trabalho. No terceiro capítulo, dedicado ao fotógrafo Pedro Tropa, que ainda trabalha(va) com película vemo-lo no áspero espaço natural de uma paisagem serrana e também a manipular negativos para *revelar* aquilo que contêm, uma expressão muito mais bela do que *desenvolver*, como se diz em inglês e francês a propósito da fotografia. O quarto episódio, talvez o mais hermético, dedicado ao escultor Francisco Tropa, mostra de modo indireto a glória profissional (vistas de Veneza, sede da primeira e mais prestigiosa exposição de arte contemporânea no mundo) e leva o filme ao desenlace num plano magnífico, sobre um trabalho igualmente magnífico: a alternância entre um mecanismo de relojoaria e uma ampulheta, duas formas diversas de medir o tempo, que é uma das matérias da arte. Deste modo, através de um olhar preciso sobre quatro artistas específicos e o seu trabalho, **Quatro** aborda aspectos genéricos do trabalho artístico: o pensar, o fazer, os objetos que resultam deste trabalho e o gesto de fazer com que sejam vistos.

Antonio Rodrigues